

## **A ARTE DA FUGA EM ARTUR ARRISCADO: DA AUTOBIOGRAFIA COMO TRANSFIGURAÇÃO**

Erivelto da R. CARVALHO  
Universidade de Brasília (UnB)  
[eriveltocarvalho@hotmail.com](mailto:eriveltocarvalho@hotmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho se propõe a tecer uma breve análise de alguns aspectos da obra de Artur Arriscado (1944-2013), escritor angolano residente em Brasília, a partir da teoria da autobiografia de Paul de Man e de textos de/sobre o autor em questão. A hipótese a ser discutida é se a relação entre autobiografia/ficção na obra de Arriscado não configura outra forma de compreensão de determinados elementos da teoria da autobiografia destacados pelo teórico belga, para além da dicotomia entre figuração e desfiguração. Nascido na província do Moxico, Arriscado é autor de uma série de livros entre os quais se destacam os contos, a literatura infantil e infanto-juvenil, além de seus livros de memórias, publicados entre Angola, Portugal e Brasil. A relação entre autobiografia/ficção em seus textos nos chama a atenção para a possibilidade de pensá-la não como um exemplo de desfiguração, mas sim como uma modalidade de transfiguração, numa forma outra de representação da figura do biografado que se dá através de uma muito peculiar poética <<radiofônica>>. Através da análise de textos que versam sobre a construção da figura deste biógrafo/escritor em trânsito, que assume entre várias figuras a do *sakalumbu* contador de estórias, homem que atravessa a fronteira dos universos entre a palavra escrita/falada/lembrada, pretende-se discutir a hipótese mencionada, chamando finalmente a atenção para a possível configuração de um campo de obras literárias que escapam ao modelo proposto por Paul de Man em sua teoria da autobiografia.

**Palavras-chave:** Artur Arriscado; diáspora; autobiografia; Literatura Angolana.

### **1. *In memoriam.***

Qual não é a minha surpresa, quando abro o volume do recente romance do escritor angolano Ondjaki, e leio a descrição dada de um dos personagens em sua obra, no trecho em que o narrador se dedica a contar a história do fabuloso coronel Hoffman ou Man Riscas:

ManRiscas era a alcunha usada em círculos amistosos, o seu verdadeiro nome era ArturArriscado, homem dotado de um inconfundível bom humor que nunca havia sido abalado nem pelas mais ariscas condições de vida, fosse em momentos de guerra civil, de tensão política ou no cumprimento das suas inúmeras missões internacionais ao serviço da RádioNacional. havia coberto grande parte do território nacional angolano, logo após a independência, com uma equipa que gravou um vasto acervo musical de música tradicional, e conhecia bem alguns dos mais profundos recantos do país, sobretudo os da sua província natal, Moxico, homem também de estórias, de causos luandenses e de extenso currículo feminino (ONDJAKI, 2012. p. 87).

Confirmo que, de fato, o personagem de Ondkaji é o mesmo angolano que conheci há aproximadamente dez anos em Brasília, autor de vários livros de contos e de memórias, para além das suas obras infantis, infanto-juvenis e dedicadas a história da música angolana.

Artur Arriscado<sup>1</sup>, Man Riscas, Coronel Hoffman, ou o *sakalumbu*, são todos nomes de um mesmo personagem que conseguiu já cruzar a fronteira da vida em direção à ficção. Não é um ente de ficção que não consegue morrer por ser irreal, como o Augusto Pérez do romance *Niebla* (1914) de Miguel de Unamuno, senão o contrário, trata-se de um homem que trás consigo uma carga de irrealidade, ou de ficcionalidade, que o fez conquistar o terreno da ficção, o imaginário sobre a Angola de um determinado período histórico tal como retrata Ondjaki em seu último romance.

Falar do Artur Arriscado e dos seus diversos nomes é importante, ao início dessa exposição, porque este é justamente um dos problemas centrais que coloca a teoria da autobiografia na perspectiva do teórico belga Paul de Man, com a qual gostaríamos aqui de dialogar. Segundo Man, a prosopopeia ou personificação é a figura de leitura chave da autobiografia, se tomamos esta como algo que vai além de um gênero literário com códigos claramente estabelecidos. Nesta perspectiva, a autobiografia mais que um gênero é uma **figura de leitura**, e é a partir de esta orientação básica que proponho ler os textos de Artur Arriscado, apesar da possibilidade de chegar a um resultado muito diferente do de Paul de Man em seu estudo sobre a retórica do Romantismo.

Observando o trajeto construído pelo Artur Arriscado em suas principais obras, em especial seus livros de contos e sua última obra memorialística escrita, o que proponho aqui não é desvendar a figura do autor na construção de sua própria imagem ou da sua figura autobiográfica, e sim destacar as mudanças de tipo de registro que se opera ao longo dos seus textos, mais especialmente na passagem que se dá entre as duas primeiras obras do escritor angolano e as últimas.

Ao longo desse caminho, o que se pretende é chamar a atenção para as idiossincrasias da obra do Artur Arriscado, apresentando-a não só como um tipo peculiar, mas também numa série mais abrangente de textos literários que buscam trabalhar exatamente no cruzamento dos limites tradicionais de gênero, para além do interesse de frisar a própria experiência transatlântica do autor em seus deslocamentos entre Luanda, Lisboa e Brasília, capitais dos países em que Arriscado teve oportunidade de viver, capitais centrípetas do seu universo literário.

## 2. De Artur Arriscado a *Sakalumbu*

Em 2002, Artur Arriscado publica *Sakalumbu. O contador de estórias* em Lisboa. Seu primeiro livro de contos representa sua entrada no mundo literário, e para tal é preciso dizer que o autor veste inicialmente a máscara do contador de estórias, ou do *griot* moderno que é capaz de apresentar pequenas estórias não só do universo caluanda, mas também do interior de Angola. Trata-se de uma compilação de estórias em que a voz narrativa do *sakalumbu* está sempre presente, desde a sua apresentação como ex-morador de rua até a estória em que o mesmo aparece salvando o cachorro perdido de uma menina e dialogando ao final do conto com o mesmo.

Na introdução desse primeiro livro, Artur Arriscado ou o *sakalumbu* apresenta suas credenciais narrativas. Como podemos ler:

Falar directo é meu lema. Se o termo genuíno não aparece na memória, faz-se uma mímica com as mãos e já está. Quando estás a zuelar, ou se estás na

---

<sup>1</sup> Artur Arriscado é o nome adotado por Artur Maria de Mendanha Arriscado (1944-2013), falecido no último 13 de outubro, antes que tivesse a oportunidade de terminar este artigo, que sem pretender ser um epitáfio busca homenagear a memória do mestre e amigo.

escrita, contorna com o exemplo de um ditado ou emprega a gíria que se enquadre no assunto (ARRISCADO, 2002. pp. 7-8).

Reside nessas palavras simples toda uma poética da narrativa, que embasa a obra do Artur Arriscado, inclusive a memorialística. “Falar na gíria” significa aqui adequar o registro da voz narrativa à matéria do que se fala, narrando da forma como se diz e da maneira como as pessoas falam no dia a dia, ou seja, fazendo o registro linguístico do coloquial da mesma forma como se encena uma conversação. Aqui, qualquer limiar rígido entre língua e palavra se desfaz. A língua é a palavra dita, o dito lembrado.

Neste sentido, esta poética pressupõe uma atitude de escuta e interação, pois uma conversa sem interlocutor não é uma conversa. Para ela, como poética do conto, é fundamental a função do registro, e é a partir da amplificação ou reverberação da palavra contada/lembrada, que a narrativa autobiográfica e a figura do *sakalumbu* se apresentam. Poética que defino como “radiofônica” porque supõe a transmissão da palavra em ondas, em superfícies sonoras que se dão no tempo (não necessariamente no mesmo tempo) para quem conta e quem escuta.

Entretanto, por se tratar de uma obra com caráter também autobiográfico, que toma como referência uma série de vivências do narrador em Luanda ou em outros lugares de Angola e do mundo, não se pode reduzir toda a poética narrativa de *Sakalumbu* à figura do contador de estória nem a do *griot* contemporâneo. Por detrás dessa máscara está alguém a relembrar seus fracassos e vitórias, as alegrias e tristezas da vida até não poder mais separar aquilo que é contado do que é vivido.

No poema que aparece ao final do conto *Evacuaçãoooo!* há uma pequena apresentação dessa postura diante da própria biografia:

Nas profundezas da desgraça, onde  
Ser paupérrimo, é um luxo  
Nós, os desnutridos da vida  
Nem a morte já pedimos...pois  
A certeza virou incerteza! (ARRISCADO, 2002. p. 14).

Um dos elementos que caracterizam a autobiografia como figura de leitura, segundo Paul de Man, é justamente o fato de que ela rompe com a relação especular entre o *eu* do enunciado e o *Leitor*, ou a ideia do leitor, de maneira semelhante como se rompe também nesse tipo de retórica a distinção categórica entre vida e morte. Nessa dimensão específica, a obra de Arriscado se enquadra perfeitamente na perspectiva da teoria da autobiografia de Paul de Man, na medida em que a incerteza diante da morte-vida pode ser aplicada a toda sua produção posterior, que tende também a romper as fronteiras aceitas entre vida e arte, ética e estética.

Em *Sakalumbu*. *O contador de estórias* estabelece-se um curioso jogo entre a literatura e a história, entre a experiência literária e a representação histórica, ou entre a representação histórica e a experiência literária. Elas se fundem, em muitos momentos se confundem, mas levam finalmente à um território único que é o da liberdade narrativa. Trata-se de um desafio para o pensamento moderno categorizado, que separa a Literatura da História assim como opõe a estória à História.

### 3. Estórias, Histórias...

Passo ao segundo livro de contos do Artur Arriscado, *Tatchi*, publicado em Lisboa no ano de 2003, e que numa tradução livre poderia significar *agarra com força*, expressão que é

uma redução de uma expressão em tchokwe, uma das línguas nativas de Angola falada pelo autor e que está presente na região onde o mesmo nasceu.

Nesta obra, Arriscado se afirma como escritor e nos brinda com mais uma vintena de histórias ao gosto do *sakalumbu*, todas elas contadas com o humor e a graça já presentes em seu primeiro livro. Assim como nos primeiros contos, chama a atenção a multiplicidade de registros que vão da fábula à anedota pessoal, passando pelo retrato desses personagens singulares que ele foi conhecendo e colecionando em sua memória ao longo da sua vida, em Angola e fora dela, compondo assim pequenas peças humorísticas que satirizam determinadas situações e comportamentos sociais.

Entretanto, em *Tatchi*, Artur dá um passo adiante no sentido de se distanciar da imagem do *sakalumbu* ou, de pelo menos, diminuir o seu peso nos seus contos. Nas últimas três histórias que compõem o volume, *Coronel Hoffman*, *Flashes* e *Trajectória com matemática*, aparece um “eu” que não é do simples humorista em ação, senão que é o do personagem caluanda representado pelo Coronel Hoffman, por um lado, e pela personalidade histórica do próprio Artur Arriscado em suas experiência de vida e imigração.

No prefácio que antecede o texto, escrito pelo músico angolano Carlos Ferreira (ou Cassé), a ênfase deixa de estar na histórias como no prefácio de *Sakalumbu* e passa a estar na própria figura do Artur, apresentado como um resistente e destacando o fato de que o mesmo “escreve como fala”, e conclui dizendo que “este livro é inseparável do Artur”.

Estamos aí diante de outro dos problemas centrais da teoria da autobiografia tal como exposto por Paul de Man. Ao superar a relação especular entre o “eu” do biografado e o “outro” do leitor-ouvinte, ou entre a vida e a morte irmanados através da representação estética, a autobiografia propõe, tal como afirma De Man, um movimento duplo de figuração e des-figuração daquilo que é representado, através de uma linguagem peculiar.

Este movimento aparece na obra de Artur Arriscado, apesar de não parar por aí. É possível perceber esse duplo movimento em *Tatchi* na medida em que a máscara do *sakalumbu* é retirada do narrador, mas não desaparece por completo, visto que ao longo do livro esses momentos em que o “eu” memorialístico do autor são reduzidos, apesar do seu peso na parte final do livro. No momento, o que interessa é ressaltar esse jogo antes já sugerido entre *Estórias*, *Histórias*, que é o título de um dos apartados presente no livro de memórias chamado *As minhas anharas. Memórias do Moxico*.

Este jogo nos levará para outra forma possível de ver a figuração e a desfiguração do personagem do biógrafo, mas antes será preciso relacionar os dois termos antes destacados (estórias e histórias) para que isso aconteça.

#### **4. De *sakalumbu* a Artur Arriscado: miassos das minhas anharas**

É curioso notar como nos dois livros mais recentes de Artur Arriscado, a figura do *sakalumbu* abre espaço para a do próprio autor como protagonista das histórias ou histórias que se contam ao longo dos seus diversos apartados. *Miassos da minha terra (músicas da minha terra)*, publicado no ano de 2006, é um registro reflexivo sobre sua atividade de técnico gravador na Rádio Nacional de Angola, umas cuidadas anotações pessoais sobre a música e a cultura angolana sobretudo nas décadas de 60 e 70 do século passado. *As minhas anharas. Memórias do Moxico* (2009) são uma grande homenagem à província do Moxico, e uma espécie de retorno da memória do contador de histórias às suas origens.

São os dois livros brasileiros de Arriscado, publicados em Brasília, que se diferenciam nitidamente dos seus contos apesar de usar da mesma matéria prima que estes, ou seja, a sua memória de vida reverberada no que o prefaciador do segundo livro, o acadêmico e familiar Hernani Joaquim Mendanha Arriscado (2009, p.12), chama de “linguagem simples”, baseada

na “transcrição directa, literal do oral para a escrita”. De fato, neste livros, o estilo *bangoso* ou *gingão* dos primeiros dá lugar a uma escrita menos desenfadada, o coloquial despojado das primeiras estórias é substituído por uma linguagem direta, concisa, apesar de ainda estar longe de um linguajar que se pretende culto ou acadêmico.

Arriscado continua com seu projeto literário de contar tal como se fala, de propiciar ao leitor-ouvinte uma passagem sonora (e musical) à música do “seu” tempo e à “sua” província natal, que pode chegar, a partir do seu relato, a outros tempos e outras paragens. O mesmo Mendanha Arriscado chama a atenção de que seu livro de memórias sobre seus inícios na rádio, em que estão presentes também lembranças do período da independência e da guerra civil em Angola, são a tentativa de procurar cruzar a “fronteira” entre a cultura africana nativa e a cultura ocidental portuguesa a partir dessa “viagem” ao Moxico. Nessa “caixa preta” da memória da memória de Arriscado, segue o prefaciador, há uma repleta sequência do que é chamado por este de contos – “verdadeiros” – segundo ele frisa.

A preocupação por frisar a veracidade dos contos de Arriscado, mesmo quando se refere à estórias de caçador que aparecem num dos apartados do livro, chama a atenção porque se ressalta um elemento já presente em *Miassos da minha terra*, que é justamente o destaque dado à ambição historiográfica que impulsiona, de maneira distinta, as duas últimas obras de Arriscado.

Neste sentido, é interessante notar que *Miassos da minha terra* representa um ponto de inflexão e uma brusca mudança de sentido no projeto literário consolidado nos livros de contos do primeiro Artur Arriscado. Se em *Tatchi*, o coronel Hoffman é ainda este personagem fantasioso que liga a persona do autor a um mundo de ficção, a partir da obra sobre a música de Angola a memorialística de Arriscado se volta para a História com “h” maiúscula (para a história de Angola) e não tanto para a estória com com “e” (ou seja, para a livre fabulação sobre o vivido e lembrado).

Não menos evidente que esta distinção só é perceptível a partir da comparação e da leitura a posteriori dessas obras, e que nesta perspectiva ela como tal, na dinâmica dos textos não é planificada. Talvez, o mais característico da obra de Artur Arriscado seja a indistinção dessas fronteiras, que tendem a não estabelecer nenhuma separação categórica entre o anedótico e a história vivenciada, e a história individual e a história social de Angola.

O signo maior dessa não distinção é justamente a concepção dessas memórias como poemas musicados, como estórias que servem de exemplos de vida e são lembradas ao embalo do ritmo de quem as conta, observando a presença do Leitor-ouvinte, que não é tido apenas como uma presença suposta ou abstrata. Há uma passagem que define essa concepção, no apartado já citado *Estórias, Histórias*, presente no capítulo 1 de *Memórias do Moxico*, em que o biógrafo afirma: “Eu, muito francamente, figuro-me nesses miassos da vida” (ARRISCADO, 2009. p.24).

## 5. A título de conclusão

Segundo Paul de Man (2007), a autobiografia propõe um duplo movimento que supõe uma figuração e uma desfiguração da persona representada através da linguagem, seja na poesia ou em textos narrativos, pois os problemas da autobiografia não podem ser reduzidos à questões de gênero literário. A desfiguração na autobiografia supõe o estabelecimento de um tipo de relação peculiar entre a persona do biógrafo e o leitor que rompe com a dicotomia vida-morte e pode passar a ser pensada não em termos de vida *ou* morte, mas sim em termos de vida *e* morte.

De Man nos apresenta assim um modelo coerente para a leitura dos textos autobiográficos, mas que nos parece problemático quando aplicado à narrações de caráter

fragmentado ou à composição da autobiografia numa série de obras como é o caso de Artur Arriscado. É claro que a teoria do teórico belga se aplica à perfeição à retórica romântica analisada por ele em sua obra, mas parece mais difícil de ser aplicada a uma poética como a do escritor angolano, no âmbito de uma literatura e uma tradição cultural que estão à margem dos cânones literários europeus.

Nesta perspectiva, seria válido interpretar a literatura autobiográfica de Artur Arriscado pensando-a a partir de outro tipo de movimento, de um movimento segundo de transfiguração<sup>1</sup>. *Sakalumbu*, Coronel Hoffman, Man Riscas, Mundunduleno, todos esses são nomes dos quais se apropria Arriscado, são nada mais que estâncias distintas da arte do contraponto exercida ao longo da sua obra, e que nos chamam a atenção para a constância desse tipo de abordagem na literatura contemporânea. A oposição e transposição dessas figuras, em constante relação, configura o que chamamos aqui de uma verdadeira transfiguração, que apresenta uma síntese transcendente que vai além da parábola em suspensão.

### **Bibliografia**

- ARRISCADO, A. **As minhas anharas**: memórias do Moxico. Brasília, 2009.  
 \_\_\_\_\_ . **Miassos da minha terra**. Brasília: Fundação Palmares, 2006.  
 \_\_\_\_\_ . **Sakalumbu**: o contador de histórias. Lisboa. 2002.  
 \_\_\_\_\_ . **Tatchi**. Lisboa. 2003.  
 DE MAN, P. **La retórica del Romanticismo**. Madrid: Akal, 2007.  
 MEDANHA ARRISCADO, H. J. Prefácio. In: ARRISCADO, a. **As minhas anharas**: memórias do Moxico. Brasília, 2009.  
 NETO, I. P. de C. Orfeu transatlântico. **Nova Águia**, Lisboa, v.11, p. 54-59, 1º semestre de 2013.  
 ONDJAKI. **Os transparentes**. Lisboa: Caminho, 2012.  
 PITOL, S. **El arte de la fuga**. México: Era, 1996.  
 UNAMUNO, M. **Niebla**. Madrid: Cátedra, 2004.

---

<sup>1</sup> A ideia de transfiguração, cara a este ensaio, complementa no plano narrativo aquilo que aparece no nível da musicalidade da língua em Neto (2007), que apresenta os textos ficcionais de Arriscado como “contos musicais” e a sua obra como a de um Orfeu transatlântico. Assim, o que se chamou aqui de poética “radiofônica” é apenas mais um elemento desses miassos, que assumem outra dimensão diante do trajeto percorrido, e de uma autobiografia que só agora começa a ser revelada em todos os seus sentidos.